O GALO

JORNAL CULTURAL - ANO IX - Nº 06 - NATAL/JUN/1997 FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO/DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA DO RN

Cascudo e Mário

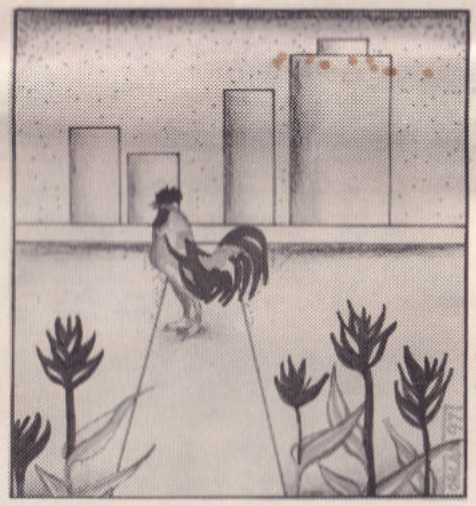
'Cascudólogo' assumido, o presidente da Comissão Nacional de Folclore-CNF, Ático Vilas-Boas, sugere, em entrevista exclusiva ao GALO, a realização de um congresso nacional de folclore em 1998, no Rio Grande do Norte, coincidindo com as comemorações do centenário de Luís da Câmara Cascudo. O encontro seria promovido pela CNF juntamente com demais instituições culturais norte-rio-grandenses e de outros Estados. A meta seria fazer um balanço do legado de Cascudo nas diversas áreas do saber que foram pesquisadas e enriquecidas pelo grande estudioso potiguar. Na entrevista, Ático Vilas-Boas expõe os motivos de sua admiração por Cascudo, fala da sua contribuição para as ciências humanas, enfim, comenta por que Cascudo permanece uma referência indispensável para o conhecimento do povo brasileiro, suas tradições, crendices e mitos. O escritor e professor Tarcísio Gurgel publica a segunda parte de *O Viajante Amoroso - Paráfrase de um aprendiz*, em torno da viagem que Mário de Andrade empreendeu ao Rio Grande do Norte em fins dos anos 20, e dos acontecimentos que lhe sucederam entre nós. Agora, Mário se encanta com a arte do *coquista* Chico Antônio, em visita ao engenho Bom Jardim, em Goianinha. O professor Franco Maria Jasiello encerra sua série sobre os poetas líricos gregos, traduzindo fragmentos de Erina, Anacreonte, Alcmeão e Arquíloco, entre outros. As professoras Constância Lima Duarte e Diva Cunha antecipam resultados da pesquisa que desenvolvem sobre a literatura feminina no Rio Grande do Norte, e que será enfeixada num livro, muito em breve. O GALO traz também ampla cobertura sobre o Salão de Artes Visuais, prêmio Newton Navarro, ocorrido recentemente, e apresenta os jovens poetas Itamar Nobre e Elisandra Galvão, além de crítica literária e teatral.

Atenciosamente,

O Editor

Índice

Memória de Mestre Cascudo..... 03
Salão de Artes Visuais do RN..... 06
Teatro Espírita ultrapassa doutrina e produz Arte..... 08
O Nome..... 09
Imprensa Feminina no RN - Uma história a ser contada..... 10
Um rio só margens..... 12
O Viajante Amoroso - Párafrase de um Aprendiz (Parte II)..... 14
Quatro poemas de Elisandra..... 17
"Os partos da fantasia" em Diógenes da Cunha Lima..... 18
Clarão do Imaginável..... 19
Permanência dos Líricos Gregos (Parte III)..... 20
Correio do Galo..... 23



Capa:
Orlando Oliveira

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador
WODEN MADRUGA
Presidente da Fundação José Augusto

NELSON PATRIOTA
Editor
TÁCITO COSTA
Redator
AUCIDES SALES
Ilustrador e tráfego

Editoração Eletrônica
BRÍGIDA MAFRA E SOCORRO SOARES

Departamento Estadual de Imprensa
ARLINDO DE MELO FREIRE
Diretor-Geral
JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

***Redação:** Rua Jundiaí, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084)221-2938/ 2212939. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião deste jornal.*

Foto: Luís Henrique

Ático Vilas-Boas

Memória de Mestre Cascudo

Mais novo sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, e presidente da Comissão Nacional de Folclore-CNF, o baiano Ático Vilas-Boas é um admirador confesso e irrestrito do historiador e folclorista norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo. Sua vinda a Natal, no último dia 11, quando foi recepcionado em solenidade no IHGRN pelo colega Deífilo Gurgel, serviu também para iniciar as primeiras articulações da CNF com vistas ao centenário de Cascudo, em 1998. O prof. Ático defende a realização de um grande encontro nacional para fazer um balanço definitivo do legado de Cascudo. O evento seria patrocinado pela CNF em parceria com a UFRN e outras entidades públicas e privadas de cultura. Em entrevista exclusiva ao editor de O GALO, jornalista Nelson Patriota, Ático Vilas-Boas repassa questões cruciais da obra de Mestre Cascudo, aborda momentos específi-cos dessa obra e diz por que ela tem a marca da perenidade.

ENTREVISTA

O GALO - como está a situação do folclore no Brasil, hoje?
ATICO VILAS-BOAS - O folclore vai bem, enquanto objeto da ciência. A folclorística, que estuda o folclore, acho que necessitaria de um reexame para se aquilitar o nível a que chegamos. Mas com apoio ou não desses estudos, com apoio ou não dessas organizações governamentais e não-governamentais, o que o povo faz, ele faz espontaneamente, e se o povo vem sendo pressionado em determinadas partes para que deixe de ser ele mesmo, isso já é outra história, é um problema de manipulação para enfraquecer a escala de valores que nos identifica como país surgente.
O GALO - Isto acontece com freqüência?
AVB -. Sim. Em várias partes do país têm sido denunciadas ações de órgãos que, intitulando-se defensores do turismo, armam verdadeiras arapucas para descaracterizar as manifestações folclóricas. Por exemplo, se você tem um evento folclórico que se realiza dentro de uma data, de uma cronologia, você jamais deve pedir aos portadores do legado folclórico que realizem esse evento fora da cronologia determinada.
O GALO - Cite um exemplo.
AVB - A Semana do Folclore exige que se realizem determinadas manifestações. Mas é preciso ter cuidado para não apresentar como folclore shows, espetáculos, que não passam de manifestações projetivas, ou seja, projeções do folclore, que seriam no máximo manifestações parafolclóricas.
O GALO -Como lidar com esse problema?
AVB - Minha formação científica pautou-se dentro dos ensinamentos da escola do chamado folclore integral, cujo maior representante foi Raul Cortázar, uma espécie de Câmara Cascudo portenho, e ele, nas suas aulas, insistia que o pesquisador, o historiador, o jornalista, jamais perturbasse as manifestações espontâneas do povo. O estudioso que quer realmente captar a matéria folclórica tem de fazê-lo da forma mais distanciada e isenta possível. Em outras palavras, jamais forçar o portador do folclore a tomar essa ou aquela atitude; não tirá-los dos seu habitat. Nós estamos verificando que instituições engajadas em atividades turísticas agem de forma exatamente contrária ao que estamos dizendo. Eles procuram encomendar espetáculos aos portadores do folclore, fazendo-os sair de sua terra, vindo se exibir num ambiente que lhes é estranho, quando isto é uma forma de proporcionar uma série de distorções.
O GALO - Há alguma exceção a essa regra?
AVB - Há, quando o grupo já se tenha caracterizado como um grupo parafolclórico. Se ele é um grupo que faz espetáculo baseado nos motivos folclóricos, ele já é um grupo parafolclórico.
O GALO - O que distingue um do outro?
AVB - A autenticidade que envolve várias considerações. O grupo folclórico vai respeitar a cronologia. Por exemplo, se tem uma manifestação

Arquivo

"Cascudo era realmente aquilo que já foi constatado, um scholar, aquele homem que tinha insight - um homem que tinha aquela chama interior de que falava Benedetto Crocce"

ligada ao ciclo natalino, e você a transfere para o ciclo junino, já estará havendo uma profanação. Descaracterização. Recentemente, a Universidade de Campinas realizou um evento sobre o estudo da pesquisa de folclore. E trouxe um grupo de reisado, preso ao ciclo natalino, um dos grupos remanescentes autênticos. Esse grupo foi instado, não sei com que argumento dos seus organizadores, a cantar uma folia de reis lá na universidade. Para se cantar uma folia de reis há toda uma dinâmica, uma seqüência de atividades que levam ao clímax da folia, e lá precisava, por exemplo, de um oratório, de um presépio, de uma imagem, mas esqueceram disso e introduziram o grupo numa sala e eles tiveram de fazer todo o ritual diante de um computador! A partir do momento que você substitui o presépio pelo computador, você tem resultados distorcivos. Esse tipo de comportamento até desacredita determinados estudos a ponto de hoje até a própria palavra folclore ter adquirido uma conotação pejorativa.

O GALO - E os grupos parafolclóricos, que papel teriam?

AVB - Os grupos parafolclóricos ficariam dentro de um setor da folclorística chamado folclore e educação. Você usa do filme, do espetáculo, do show, etc, para mostrar aquilo. Mas quando você vai apresentá-lo ao público, você vai dizer que aquilo é uma imagem pálida de algo, uma sombra do real que se passa em alguma parte. Você não pode apresentá-lo como a coisa em si, mas como tentativa de representação dessa coisa.

O GALO - Qual o lugar de Cascudo na folclorística brasileira, hoje?

AVB - Luís da Câmara Cascudo é realmente uma figura expressiva, altamente significativa, segundo a minha ótica por dois motivos. Primeiro, porque foi bom nos dois sentidos: na qualidade e na quantidade. Praticamente não existe nenhum setor do folclore que ele não tenha abordado. Outro dia eu estava fazendo uma revisão dos meus trabalhos, e estava muito preocupado com o folclore jurídico. E eu observava: que nenhum folclorista brasileiro havia estudado o folclore jurídico. Será que Mestre Cascudo não teria escrito algo a respeito?, pensei. Pois não é que quando eu ia anotando que nem Cascudo tinha se preocupado com o assunto deparei com um trabalho dele que foi depois resenhado pelo saudoso amigo Hélio Galvão, intitulado Leges et consuetudes no folclore brasileiro, quer dizer, a lei e os costumes no folclore. De forma que é difícil você encontrar um assunto do folclore que ele não tenha abordado. É verdade que foi en passant. Outro assunto que ele abordou ligeiramente foram os tipos populares. De modo que é impossível alguém hoje, no Brasil, fazer um trabalho dentro da folclorística sem recorrer a Cascudo.

O GALO - Que sugestão a Comissão Nacional de Folclore tem para as comemorações do centenário de Cascudo, que acontecerá no próximo ano?

AVB - Estamos discutindo algumas idéias com Deífilo Gurgel, nosso representante no Rio Grande do Norte. Dentro dessa perspectiva, nós procuramos a reitoria da a UFRN e através do pró-reitor de Extensão, o professor Arnon, a universidade resolveu encampar a realização de um congresso, o IX Congresso Nacional de Folclore, em 1998, no Rio Grande do Norte, que será todo dedicado à figura de Cascudo. A idéia é que o congresso atraia as mais expressivas personalidades voltadas para o folclore brasileiro, porque é uma oportunidade única de fazermos o balanço da obra de Cascudo. É bem verdade que em vida ele já era um mito; ao morrer, tornou-se um mito ainda maior. Conversando com a família de Cascudo, eu fiquei assim estarrecido quando alguém avisou: "Olha, professor, o senhor está muito enganado acerca da imagem que você tem de nosso pai; aqui teve muitas pessoas que no começo não

entendiam nada do que ele fazia". Eu pensava que ele tivesse sido querido, amado, aplaudido, incentivado, também na sua terra. Por esse depoimento, percebe-se que houve uma série de resistências ao que ele fazia. Mas hoje tudo isso está superado e estou certo que há uma unanimidade em torno da figura dele. Aliás, uma unanimidade nacional. Eu não gosto de ver que quando as pessoas morrem, elas ficam logo boas. É uma falta de aperfeiçoamento humano. A morte anula a concorrência e eu acho isso horrível. No caso de Cascudo, como as obras estão aí para falar mais alto, a gente vai retomar todo o fio da meada de sua existência, fazer a exegese de tudo para que a gente o coloque na sua verdadeira dimensão humana e científica, que é importante para nossa cultura surgente.

O GALO - Que aspectos o senhor destaca na obra de Cascudo?

AVB - Eu só posso falar da minha área. Se a gente ainda é um arquipélago cultural, e precisa reunir o recado de cada uma das ilhas que compõem esse arquipélago, como não reconhecer a contribuição que Cascudo fez? Cascudo era realmente aquilo que já foi constatado, um *scholar*, aquele homem que tinha *insight* - um homem que tinha aquela chama interior de que falava Benedetto Crocce - tinha uma excelente memória, tinha uma capacidade imensa de reunir material e cotejá-lo, e tinha na prática científica não um meio para ludibriar o leitor, pelo contrário, ele apresentava as coisas de forma tão espontânea que você não sentia em nada, em nenhuma passagem, o interesse de truncar os fatos, em distorcer as coisas. Quando a densidade do assunto é muito grande ele coloca uma pitadinha de verve, uma pilhéria, que descontrai. Este é o segredo do bom escritor. Como pesquisador do folclore, como escritor, Cascudo tem essa vantagem, ele não é pesado, apesar de trazer muita erudição. Ele procurava amenizar a matéria, tornando-a agradável. Nenhum livro do Cascudo induz o leitor ao cansaço. Mais ainda, ele tem essa grande virtude: a gente não percebe traços de subjetivismo em sua obra. Chego a me perguntar se Cascudo conhecia a fundo a teoria do criacionismo, do chileno Vicente Huidobre, que considerava bom o poeta, o romancista, o exageta quando apresenta as coisas de modo a que elas falem por si mesmas, e não através de outrem. Cascudo se coloca nesse posição. O 'eu', 'eu', 'eu' não é um bordão em sua obra. E quando se trata de reminiscência, ele demonstra uma enorme capacidade de sair de si mesmo, amarrando tudo que aconteceu com ele, com as pessoas, dando oportunidade para que as coisas falem por si mesmas.

O GALO - Qual a sua área de interesse?

AVB - Sou PhD em filologia romântica na área da oralidade aplicada ao folclore e à literatura oral. Um dos melhores exemplos de povos que usam a oralidade como sustentáculo para sua preservação cultural foram os ciganos porque não têm pátria. Por isso, têm na oralidade uma forma de manter sua integridade. Parti do seguinte princípio: vou aprender junto a uma comunidade marginal que tem na oralidade uma forma de resistência cultural. Me seduz muito a prática da resistência cultural que nós, como país surgente, ainda não temos. Escrevi alguns trabalhos nessa área: Provérbios em Goiás, e Rezas e Benzeduras. Escrevi também A Queimação do Judas. Descobri que a queimação do Judas era a representação de um auto-de-fé. Quando a inquisição foi extinta pelo Marquês de Pombal, a população ficou com saudade daqueles espetáculos truculentos e passou a fazer a queimação do Judas, uma representação simbólica dos autos-de-fé. Esse livro ganhou o prêmio Sílvio Romero, do MEC. Hoje, sou professor aposentado de pós-graduação em Literatura Oral da Universidade Federal de Goiás. Escrevi depois Aspectos da Cultura Goiânia, e artigos sobre os ciganos. Tenho dois livros no prelo: Antologia de Estudos Ciganos no Brasil, e Ciganos: poemas em trânsito. Estou trabalhando atualmente num dicionário da gíria brasileira, com etimologia.

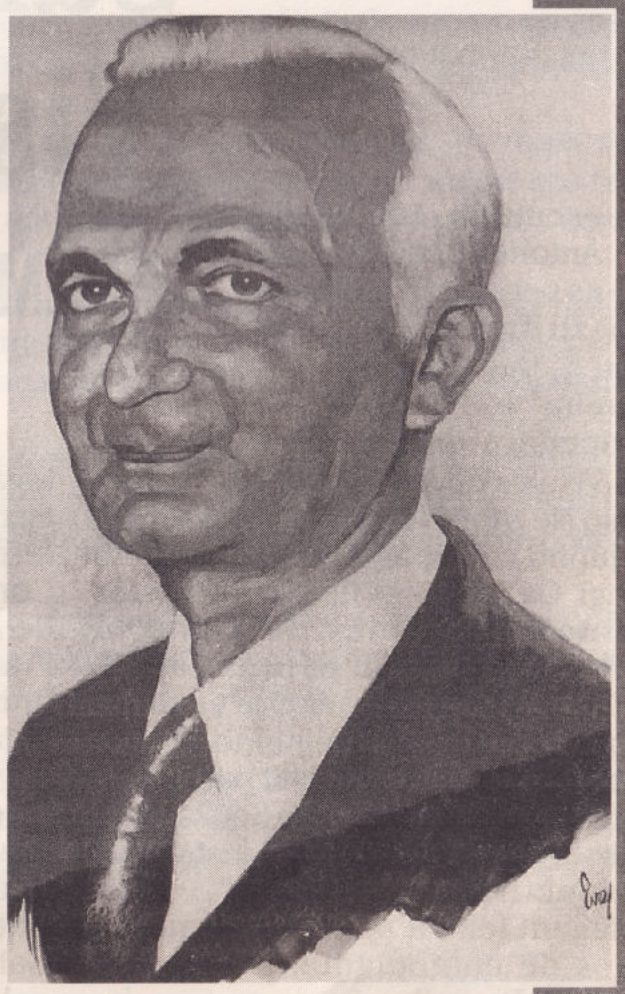
O GALO - Como você vê o Cascudo estudioso da oralidade?

AVB - como Cascudo devia ser um causeur, um bom palestrador, sabia ouvir. Em muitas passagens de sua obra ele se refere muito às amas, às aias, a pessoas que lhe contavam casos. Ele deve ter sido atingido por tudo aquilo que lhe pudesse abastecer. Quando ele percebeu que tinha material suficiente para escrever, ele o fez. Cinco Livros do Povo, Literatura Oral no Brasil e tantos outros trabalhos mostram que ele recorreu a muitas fontes.

O GALO - Como era seu relacionamento com Cascudo?

AVB - Eu tinha uma amizade muito grande com ele, tenho umas quatro ou cinco cartas dele, eu telefonava de Goiânia, ele só atendia e passava o fone para Dona Dália, e ela me retransmitia as palavras dele. Ela era a grande intérprete. Senti muito não tê-lo conhecido pessoalmente, mas suas obras estão nas minhas estantes, na minha mesa de trabalho, são minhas ferramentas do dia-a-dia.

"O saudoso amigo Hélio Galvão resenhou o artigo de Cascudo intitulado 'Leges et consuetudes no folclore brasileiro', que aborda a lei e os costumes no folclore"



Desenho de Evaldo

Arquivo

Salão de Artes Visuais do RN

PRÊMIO NEWTON NAVARRO

A escultora Ana Maria Antunes Bezerra, com as peças em cerâmica vitrificada a 1.200 graus, "A Velha", "A Guerreira" e "O Corpo", foi a vencedora do Salão de Artes Visuais do Rio Grande do Norte - Prêmio Newton Navarro, aberto no dia 5 de junho no Espaço Cultural Palácio Potengi. Os trabalhos ficaram expostos durante todo o mês de junho. A escultora recebeu o prêmio, R$ 2.500,00, das mãos do governador Garibaldi Filho. Em segundo lugar o Salão premiou (R$ 1.500,00 patrocínio da Botton) Gilvan Lopes de Souza, pelo óleo sobre tela "A Espera". A instalação "Perspectiva do Futuro", uma montagem feita a partir de disquetes usados de computador, de Vicente Galvão de Carvalho, ficou em terceiro lugar e recebeu R$ 800,00 (dados pela Pax Turismo). A Comissão Julgadora, formada pelo artista paraibano Raul Córdola, crítico de arte Geraldo Edson de Andrade e pelo professor de artes Franco Jasiello, concedeu menção honrosa a Renato de Melo Medeiros pela pintura "Les-Sarcha".

No Salão, aberto a todas as formas de manifestação artística, predominou a pintura e as duas únicas exceções (as esculturas de Ana Antunes e a instalação de Vicente Galvão) ficaram entre os três primeiros colocados. A exposição reuniu cerca de 50 trabalhos de 22 artistas, que foram pré-selecionados por uma Comissão Julgadora formada pelo curador de Brennand, Fernando Monteiro, e os artistas plásticos Ítalo Andrade e Vicente Vitoriano, entre 56 que fizeram inscrições.

A mostra contou ainda com duas salas especiais, um com obras de Abraham Palatnik, artista nascido no Rio Grande do Norte e de renome internacional, e outra com gravuras retratando a cultura popular do potiguar Dorian Gray. Além da exposição, aconteceu um encontro de trabalho, entre os artistas convidados, críticos e os artistas locais, com o objetivo de propiciar intercâmbio entre os participantes.

ANA ANTUNES

Ana Antunes nasceu no Rio Grande do Sul e mora em Natal há 11 anos. Ensina no Núcleo de Arte e Cultura da UFRN e em seu atelier, montado em sua própria casa. Bacharel em Artes Plásticas, intensificou seu trabalho com cerâmica nos últimos dois anos. "Um dos meus objetivos tem sido elevar, através de um trabalho de constante renovação, o nível da cerâmica produzida no Estado" revela Ana. Em seus trabalhos, ela utiliza argila de Macaíba e Goianinha (dois municípios próximos a Natal) e os pigmentos (argila colorida), vem das praias de Ponta Negra e Pirambúzios. "Minha premiação quebrou uma rotina, pois a escultura ganhou pela primeira vez da pintura no Estado".

Arquivo

Arquivo

GILVAN LOPES

Autodidata, Gilvan Lopes de Souza, 37 anos, nasceu em Assu. Começou a pintar e desenhar aos nove anos. Entre 1982 e 1985 editou e publicou a revista Cafuné, com trabalhos próprios e de outros artistas locais. Prefere óleo sobre tela, mas também tem trabalhado com esculturas, desenhos e ilustrações.

Arquivo

Obra do artista plástico Ricardo Rodrigues um dos participantes do Salão

VICENTE GALVÃO

O artista plástico Vicente Galvão de Carvalho Júnior, 27 anos, é graduado em Licenciatura em Educação da Arte, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pinta desde os 14 anos. O Salão de Artes Visuais foi sua primeira coletiva. Tem se dedicado a um trabalho mais acadêmico, mas para concorrer ao Prêmio Newton Navarro, decidiu dar uma guinada, com a instalação "Perspectiva do Futuro".

Arquivo

Teatro espírita ultrapassa doutrina e produz arte

Arquivo

Se o sucesso é a medida do verdadeiro incentivo profissional, é possível que o *showbiz* de Natal ganhe uma nova companhia de teatro muito em breve. Desde há dois anos existe, *amadoristicamente*, o grupo "Luzes do Amanhã". E apesar de exibir no palco as características básicas de uma *troupe* genuinamente profissional, seu diretor, Makarios Maia, não encontrou *ainda* o caminho das pedras, enfrentando, durante esse longo período, uma dívida atroz: já dispõe ou precisa buscar mais na frente *sua* companhia? Em outras palavras: o grupo "Luzes do Amanhã" já amadureceu o suficiente para caminhar sobre os seus próprios pés, ou carece ainda do verniz do aprendizado, do teste da audiência, do amadurecimento, enfim?
Para o público que assistiu à estréia da peça "Quarto de Despejo" - texto do próprio Makarios escrito em parceria com a ator Paulo Goulart, com base no livro homônimo deixado pela catadora de lixo Carolina Maria de Jesus - a *Luzes do Amanhã* está madura para a arrancada profissional, apesar de em grande maioria constituir-se de jovens atores os quais, com toda a certeza, estão imbuídos de mil projetos pessoais, próprios, aliás, da idade. Nada obsta, porém, que encarem seriamente uma carreira teatral.
Dir-se-ia que já o fazem, apesar de se dizerem contentes como amadores. Observe-se o desempenho da atriz Samillys Melo no papel de Carolina. Um ator profissional não faria melhor no palco. A jovem Fabíola Moura, no papel da fútil Baronesinha excele; André Luiz Medeiros no seu duplo desempenho como o Escravo Copeiro e o Repórter se sai brilhantemente. São

Arquivo

apenas alguns entre outros destaques.
Outro ponto forte do espetáculo é o guarda-roupa, sobretudo o de época, na memorável cena do baile em que a Baronesinha espera impressionar o emissário do imperador D. Pedro II, e se frustra amargamente.
Está certo - alguém há-de objetar - "mas o teatro da *Luzes do Amanhã* pertence a uma natureza distinta daquela que é feita comumente nos palcos. Trata-se do teatro espírita, cuja razão de ser é, como indica o nome, a divulgação da doutrina espírita, pelo que seus componentes, enfim, toda a companhia, não passam de um veículo dessa doutrina". E com isso tentam encerrar a conversa.
Será? A dinâmica que subjaz a toda a arte recomenda cautela na aproximação de um assunto polêmico como esse. Nem creio Makarios Maia desatento ao fato de que, entre as pessoas que acorreram à estréia (e foram muitas!) algumas, quiçá a grande parte, foi atraída pela curiosidade de ver como uma questão difícil com a da reencarnação, entre outros tópicos da doutrina espírita, seriam tratadas cenicamente.
Ainda assim a questão não se esgotou aí, até porque a história que é levada ao palco ganha dinâmica própria, e se espraia em outras direções afora aquela propugnada *ab initio*. Por exemplo, a crítica ao tratamento que a sinhazinha dá às suas mucamas explora um tópico tipicamente sociológico, enquanto que a revolta da Carolina-catadora-de-lixo é de uma modernidade chocante, o que se presta a reflexões oportunas sobre a absurda divisão social no nosso país. *Quarto de Despejo* ultrapassa, portanto, os limites do teatro espírita, colocando-o em plano secundário dentro do contexto da peça, graças à forma como se desdobra no palco, provocando a audiência, instigando-a a meditar sobre o absurdo cotidiano em que circulamos, o mais das vezes perigosamente indiferentes.

vermelha estrela fincada
na boina azul
a aurora
portenho havanês cidadão
universal
a irrevelada
senha
como chamar-te agora?

eras uno e múltiplo
eras
ministro médico guerreiro
o estgmatizado
o bem-vindo
trazias bombas primaveras

soletravas o mundo inteiro
ser ubíquo onipresente

viajavas a África as Antilhas

conspiravas na Venezuela

na Bolívia estavas presente

ó Constelador de Guerrilhas?
meteorito clandestino
vagavas serras obscuras

selvas espessas e trincheiras
miravam-te a CIA o assassino
mercenário as ditaduras

mas nas ruas do mundo entre
canaviais minas e fábricas
pressente-te o proletário
a Revolução está no ventre
do século CHE o placentário

Jarbas Martins é professor da UFRN e poeta.

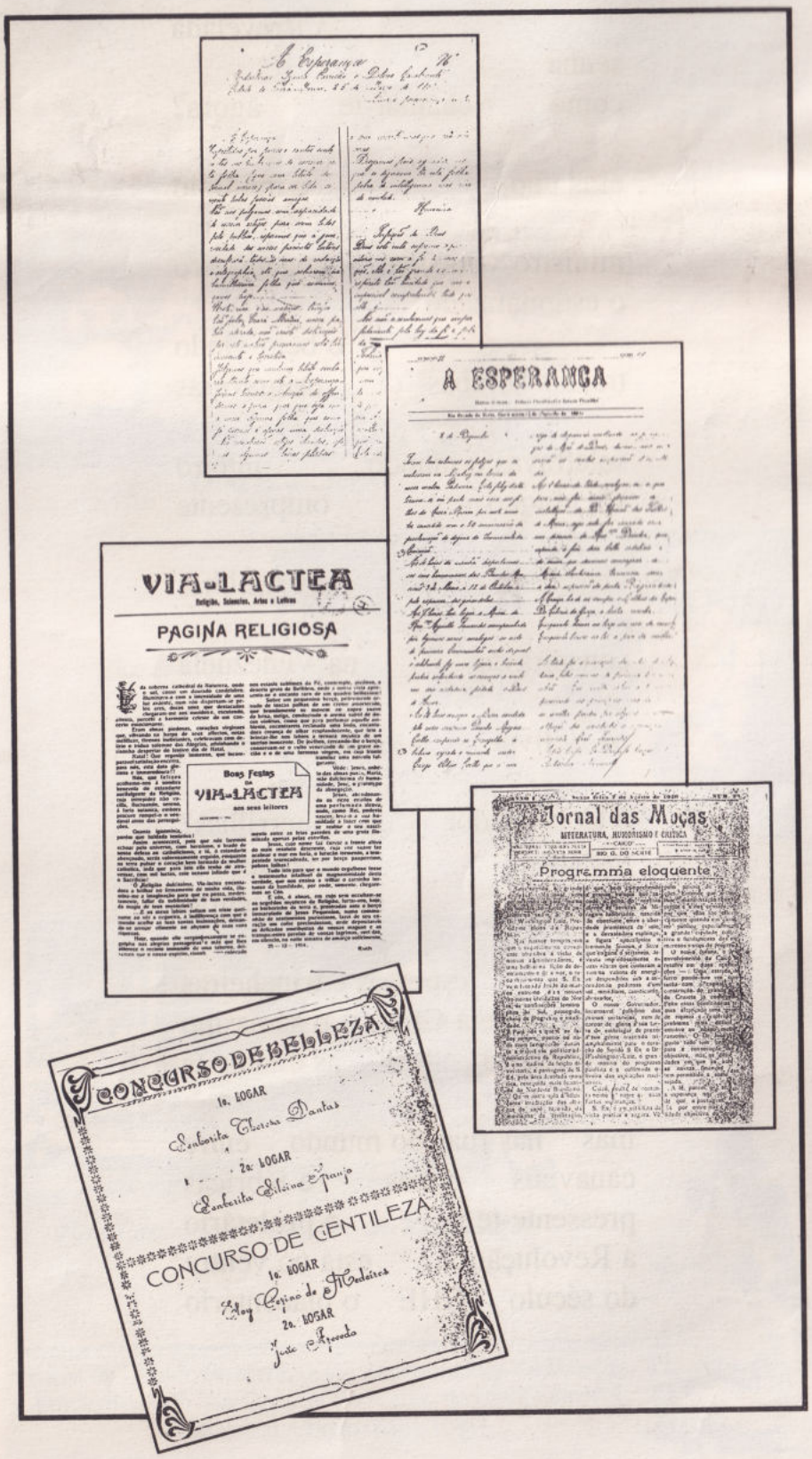
Imprensa Feminina no Rio Grande do Norte
Uma história a ser contada

Constância Lima Duarte e Diva Cunha Pereira de Macêdo

Em 1993, quando revirávamos bibliotecas e arquivos em busca dos traços mais remotos da produção literária feminina do Estado[1], fomos surpreendidas com notícias da existência de inúmeros jornais e revistas dirigidas e compostas exclusivamente por mulheres. Essas publicações evidentemente pretendiam legitimar uma produção intelectual, na medida que se colocavam enquanto um espaço legítimo de veiculação de trabalhos literários.

Assim, de uma pesquisa em andamento, uma outra nasceu. Buscávamos o *corpus* da literatura de autoria feminina no Rio Grande do Norte, e encontramos o meio utilizado pelas autoras para a divulgação de seus escritos. Aos poucos, juntando informações como quem junta um quebra-cabeça, reunimos títulos, datas e alguns nomes das que primeiro por aqui tentavam romper barreiras sociais e ensaiavam investidas no espaço público.

Anteriormente tínhamos encontrado a notícia de um jornal chamado *Primavera,* que havia sido publicado por um certo senhor Custódio L. R. d'A em Açu, no ano de 1875, e que se dirigia "às caras e inestimáveis leitoras". Os jornais e revistas dirigidos por (e para) mulheres apenas começam a surgir no início do século, como *A Esperança,* que circulou entre os anos de 1903 e 1908, em Ceará-Mirim, e que surpreende por ter sido todo ele manuscrito! O fato de não ter acesso às tipografias não impediu que Dolores Cavalcanti e Izaura Carrilho se investissem do papel de redatoras e registrassem, numa caligrafia caprichada, as veleidades literárias das jovens de seu tempo.[2] Aquelas moças provavelmente estavam impelidas pela *esperança* de um dia também elas serem reconhecidas enquanto escritoras...



Anos depois, em 1913 em Macau, surgiu (devidamente impresso) o *Folha Nova*, dirigido inicialmente por Alexandrina Chaves e depois por Maria Emília e Joana G. Sampaio. Eram suas colaboradoras Leonor Posada e Olda e Dulce Avelino, conhecidas poetisas de seu tempo. Em Açu, de 1917 a 1919, circulou *O Alphabeto* sob a direção de Maria Antônia de Morais, com a colaboração de Cecília Cândida Silva, Maria Leitão e América de Queiroz e Palmyra Wanderley. Em Macau encontramos também notícias do jornal *A Salinésia,* de 1926, criado por um grupo de jovens e que era apresentado oralmente (!) no Teatro Moderno. Em Caicó, neste mesmo ano de 1926 circulou pela primeira vez o *Jornal das Moças,* dirigido por Georgina Pires e Dolores Diniz. As colaboradoras assinavam seus textos sob os pseudônimos de Marinetti, Potiguara, Violeta, Flor de Liz, Helenita, Sertaneja, entre outros. E em Currais Novos existiu *O Galvanópolis*, de 1931 a 1932, sob a direção de Maria do Céu Pereira.

Em Natal, a primeira iniciativa parece ter sido *Via-Láctea,* idealizada e dirigida por Palmyra e Carolina Wanderley, que circulou durante os anos de 1914 e 1915. Além dele encontramos ainda em Natal os jornais *Sursum*, de 1937, *O Potiguar*, de 1939, entre outros.

Vejamos esta publicação intitulada *Via-Láctea*[3]. Após tê-la procurado nas principais bibliotecas públicas e particulares de Natal e do interior, sem sucesso, fomos encontrá-la na Biblioteca Nacional

do Rio de Janeiro, em meio a outros periódicos de mesmo nome, de locais e épocas diferentes. Ali estava, em nossas mãos, a mesma *Via-Láctea* de Palmyra e Carolina Wanderley que numa estrelada noite de 1914 havia surgido nos céus potiguares. Eram apenas oito números - de outubro de 1914 a junho de 1915 - mas o suficiente para testemunhar a iniciativa daquelas moças de também participar do espaço público.

Como no oitavo número uma das redatoras reclamava da pequena participação das colaboradoras, julgamos que a publicação tivesse terminado aí. Mas pesquisas posteriores, principalmente em *A República,* revelaram que mais alguns números - pelo menos uns quatro ou cinco - foram publicados de *Via-Láctea*. Aliás, encontramos em *A República* referências a praticamente todos os números do jornal. Cada novo lançamento era noticiado, sendo que algumas vezes com veementes elogios à coragem de suas autoras e à qualidade do material impresso.

Mas nem tudo eram flores para as jovens redatoras. No mês que comemoravam um ano da existência do jornal, por exemplo, encontra-se o comentário de um jornalista que nos permite perceber com nitidez a resistência que enfrentaram, as críticas e uma certa descrença no trabalho que realizavam. O autor da nota confessa abertamente sua surpresa pelo fato de a *Via-Láctea* ter conseguido sobreviver tanto tempo, nestes termos:

A *Via-Láctea* festejou ontem o seu primeiro aniversário. Não nos queiram mal as redatoras da simpática revista por lhes dizer que nunca acreditamos na realização deste milagre. Sempre pensamos que uma revista de moças, redigida exclusivamente por moças, teria em nossa terra a prematura existência das rosas.

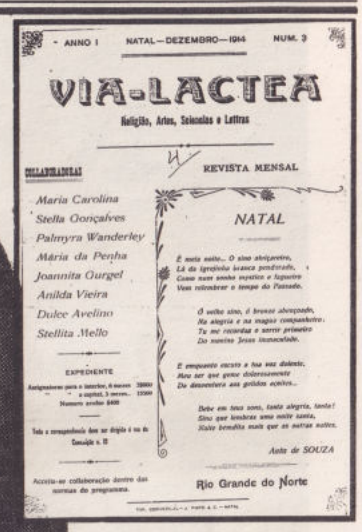
Não havia nesse pressuposto sombra de desconfiança na inteligência e boa vontade das colegas que revelaram, desde a publicação do primeiro número da *Via-Láctea*, qualidades à altura da espinhosa iniciativa. O nosso receio provinha do ambiente intelectual indígena, dessa indiferença de Natal para manifestações artísticas, tidas como desnecessárias à vida da cidade. (*A República*, 26/10/1915)

Esta confissão de pouca fé na sobrevivência da revista, devido principalmente ao fato de se tratar de uma publicação feita por mulheres, encontra-se também em outros artigos. Da mesma forma, a confusão entre as autoras e o seu trabalho através do emprego sistemático de expressões concernentes às qualidades esperadas ou desejadas para as moças. Assim, para a maioria dos jornalistas, a *Via-Láctea* era sempre "mimosa", "encantadora" e "gentil", numa flagrante feminização do periódico que lutava para se impor enquanto trabalho sério, e que se propunha lutar pelo aperfeiçoamento intelectual da mulher potiguar.

O primeiro grupo de colaboradoras foi constituído por oito moças da melhor sociedade letrada de Natal, como Palmyra e Carolina Wanderley, Stella Gonçalves, Maria da Penha, Joanita Gurgel, Anilda Vieira, Dulce Avelino e Stellita Melo. Mais tarde aderiram Cordélia Sílvia e Sinhazinha Wanderley. A forma como se dava a colaboração de cada uma com certeza era diferenciada, pois é comum encontrar um número maior de textos assinados por algumas no mesmo periódico, enquanto outras aparecem apenas com um artigo ou poema. E logo no segundo número Palmyra e Carolina Wanderley assumem a coordenação geral dos trabalhos.

Um dos graves problemas que uma pesquisa como esta costuma enfrentar é justamente a identificação dos pseudônimos, que terminam por funcionar como verdadeiras máscaras que se multiplicam sempre em outros e novos nomes. O uso do pseudônimo, aliás, foi um artifício muito utilizado pelas mulheres nos séculos passados, e mesmo nas primeiras décadas deste, como forma de se proteger e de preservar os familiares da exposição pública e da crítica. Adentrar pelo campo literário (ou o jornalístico) naqueles tempos era uma atitude decididamente audaciosa para qualquer mulher, por mais competente ou talentosa que fosse. E no Rio Grande do Norte não era diferente.

Assim, apesar de a *Via-Láctea* trazer na primeira página os nomes de suas autoras, os textos estão quase sempre assinados por outros nomes, como Fanette, Mércia, Marluce, Hilda, Nídia, Zanze, Myriam, Ida Silvestre, Ângela Marialva, Violante do Céu, Jandira, etc. etc, totalizando cerca de vinte e cinco pseudônimos. Quanto ao teor dos escritos, o subtítulo "Religião, Arte, Sciências e Lettras" aponta para seu conteúdo. Predominam poemas, contos e crônicas, em meio a comentários sobre arte, descobertas científicas e matérias sobre o papel da educação na formação das moças.



- ANNO I — NATAL — DEZEMBRO — 1914 — NUM. 2

VIA-LACTEA

Religião, Artes, Sciencias e Lettras

REVISTA MENSAL

COLLABORADORAS

Maria Carolina
Stella Gonçalves
Palmyra Wanderley
Maria da Penha
Joannita Gurgel
Anilda Vieira
Dulce Avelino
Stellita Mello

EXPEDIENTE

NATAL

Anita de SOUZA

Rio Grande do Norte

Palmira Wanderley
Foto publicada na Revista Cigarra - 1929

Encontra-se nas páginas da *Via-Láctea,* inclusive, uma polêmica entre duas colaboradoras acerca da educação que devia ser ministrada à mulher, que bem deve revelar as opiniões conflitantes sobre o tema que circulavam na época. Uma defende a educação voltada para as funções domésticas; a outra, por acreditar na emancipação feminina através da educação, exige uma educação mais consistente que permitisse à jovem competir com o rapaz no campo de trabalho. Aliás, esta discussão devia estar na ordem do dia pois acabava de ser inaugurada na cidade, com muita pompa e circunstância, a Escola Doméstica, cujos diretores alardeavam que sua proposta educacional representava a *última palavra* na Europa em educação de meninas...

Em matérias de jornais, um cronista que costumava assinar "Jacynto" (e que não era outro senão Eloy de Souza, irmão de Henrique Castriciano, o fundador da Escola Doméstica) refere-se de modo desabonador ao *Via-Láctea* e defende a função social da mulher preconizada pela nova escola. Não deixa de ser bem significativo comparar o nome do jornal que veiculava as idéias da Escola Doméstica - "O Lar", com o da revista "Via-Láctea": enquanto um refletia nitidamente os limites domésticos de seu horizonte de atuação, o outro adotava um título que bem pode ser considerado a prova contundente de que maiores e bem mais elevados eram os seus ideais.

Estas questões, aqui apresentadas tão ligeiramente, refletem apenas nosso desejo de incentivar outros pesquisadores para o estudo da participação das mulheres potiguares na história intelectual do Estado. Se queremos realmente conhecer o difícil trajeto percorrido por nossas antepassadas na busca de seus direitos e na conquista de seus espaços, será preciso pesquisar em antigos jornais e revistas. Lá com certeza ainda encontram-se ainda hoje o eco de suas vozes.

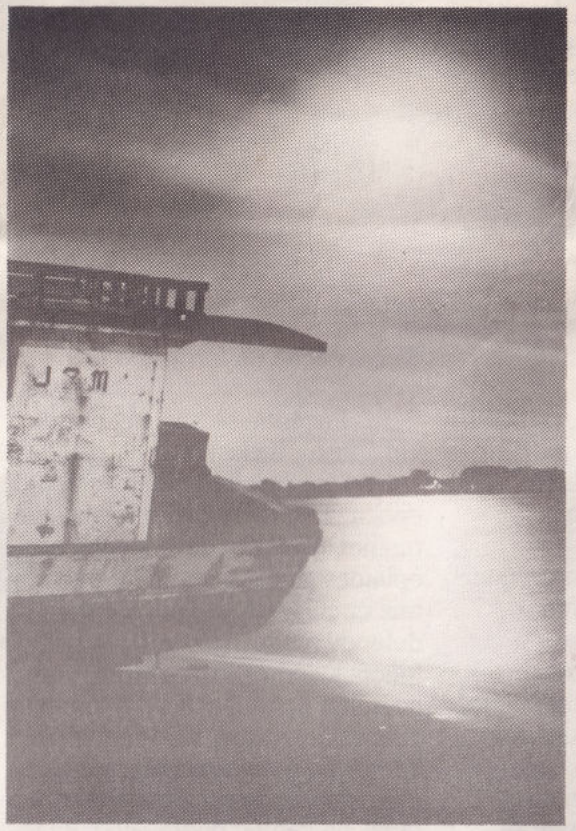
NOTAS

1Esta pesquisa foi iniciada em 1993 mas teve que ser interrompida algumas vezes devido ao acúmulo de atividades das autoras. Agora, finalmente, parece que será concluída brevemente.

2 Uma cópia da coleção manuscrita do jornal "Esperança" nos foi gentilmente cedida pela professora Otêmia Porpino, que também é pesquisadora da participação feminina na imprensa potiguar.

3Encontra-se no prelo uma edição fac-similar da Revista *Via-Láctea* (1914 e 1915), com estudo e apresentação das autoras, pela Fundação José Augusto.

Constância Lima Duarte é professora universitária e escritora. **Diva Cunha** é poeta e professora de literatura da UnP



Um rio só

Nelson P

O Programa Municipal de Financiamento à Cultura, conhecido por Profinc, teve indiscutíveis méritos. Basta ver o livro *As Quatro Margens do Rio*, de Giovanni Sérgio e Angeles Laporte, bancado com recursos desse projeto. São raras as ocasiões em que verbas públicas concorrem para dar vida a um empreendimento cultural de tal escopo. Por isso, sob qualquer aspecto, o ensaio fotográfico levado a cabo com ousada precisão pelos seus autores, representa um novo paradigma nos estreitos e econômicos limites provincianos.

Poder-se-ia dizer que *As Quatro Margens...* são a culminância de um projeto muito caro a seus autores. E quem assim supor terá, com certeza, sobejas razões a apoiá-lo. Examine-se seu design, seu acabamento gráfico, suas duas guardas, reproduzindo em papel de textura distinta gravuras fundadoras da nossa história - Barleus e Frei Santa Tereza. Ambas, por conspiração dos astros, ligadas inextricavelmente ao rio da nossa aldeia, que o queria alegre o irrequieto Jorge, o poeta.

Assim, não é uno, mas múltiplo, o arrazoado a seu favor. Mesmo porque o acaso não preside fracassos, quando pode agir em contrário - e se acasos presidiram à confecção d *'As Quatro Margens*, foram acasos felizes. Primeiro, o próprio rio. É verdade que sua hidrografia demandava (demanda-o ainda) medidas reparadoras contra sua tez crestada pelo calor abrasivo dos trópicos, e, pior, pelo descaso dos seus habitantes, ribeirinhos ou não; sobretudo aqueles amparados em motivos distorcidos vindos ainda do Século das Luzes. Estes são os piores, porque em nome do progresso minam a fauna e a flora do seu leito, condenando-o a agônica asfixia. //

margens

atriota

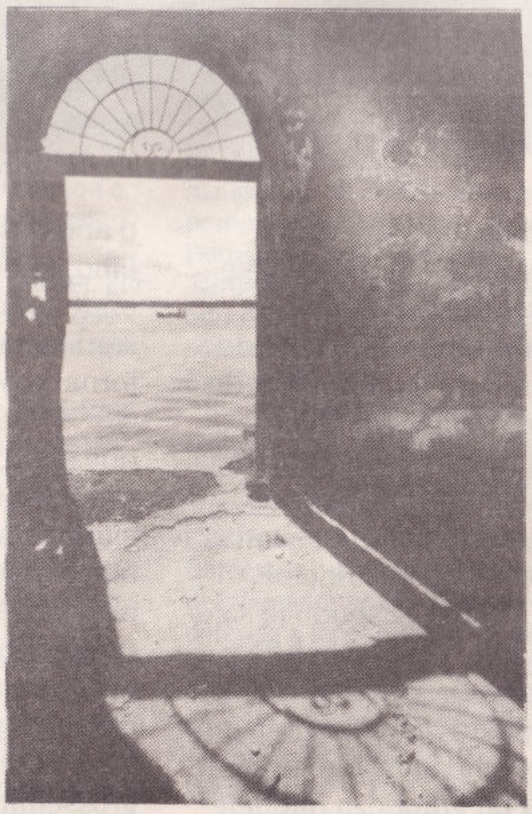
Sob um céu de ferrugens e salitre/ nutre o potengy/ sua podre geografia// (Jarbas Martins)

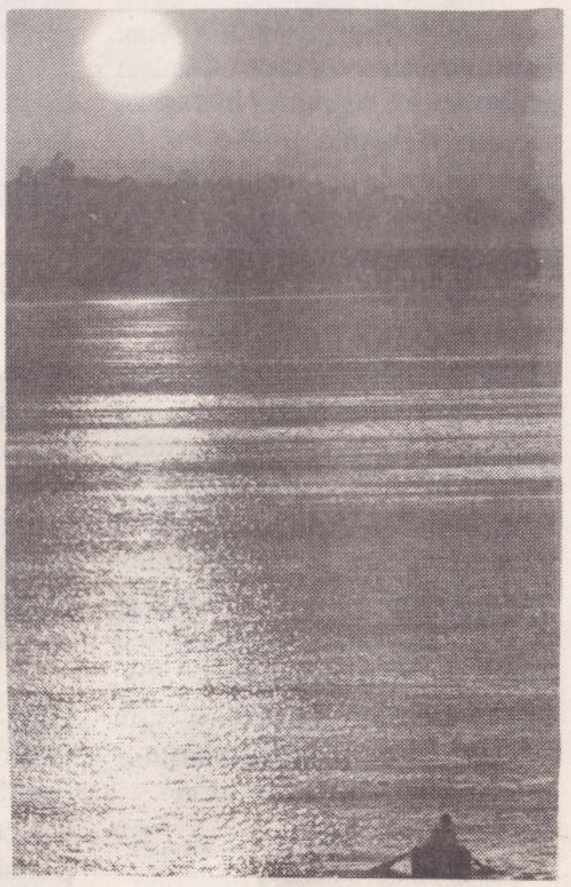
Em segundo lugar, havia a determinação de esquadrinhá-lo em toda sua geografia. E essa vontade prevaleceu com tal pulsão que não deixou pedra, seixo, buxo, gramínea, minerais, animais e humanos que dele se servissem, sem enquadrá-los no plano exato. Não obstante isso, arriscaria dizer que o apelo mais forte do projeto reside na sua fruição estética. É livro condenado à *releitura* (fiquemos com esse termo, compreendido aí no sentido elástico suficiente para incluir o prazer de se *ler* fotografias).

Nem há sombra de conflito na definição de muros imposta pelos autores. Os textos ilustram as fotos, ou vice-versa? Nada desse teor. Fotos e textos caminham no sentido de *ilustrar* um rio, de dar-lhe uma voz ao mesmo tempo múltipla e singular, que fale sempre de si, mas sempre por partes. O sentido holístico, - do todo -, advirá por inevitável conspiração da arte. Ou por artes mesmas do rio, cuja *boniteza a gente só descobre depois* (Mário de Andrade).

E de que vale um rio se ignorado por seus aldeãos? Não é o caso, felizmente, do Potengi. Antes de Giovanni Sérgio e Angeles Laporte, uma legião de aldeãos o fitaram, ávidos por arrancar-lhe um segredo, um suspiro que fosse, uma dádiva. E tiveram sua recompensa, posto amiúde não a propagarem com tanta arte e engenho.

Só agora, portanto, ele se entrega por inteiro, (e nem sempre em sua melhor indumentária fluvial) como objeto de tão forte desejo que se satisfaz plenamente em se saber único, - rio cabralino: só margens - embora partilhe do mesmo sonho impossível de ser mar.





Fotos de Giovanni Sérgio

O VIAJANTE AMOROSO

(Paráfrase de um Aprendiz)

(II)

Tarcísio Gurgel

Na Chacra do Coronel, depois no Bom Jardim

Manhãs de amanhecer fresquinho de dar gosto, a máquina-despertador disparando fora da vivenda, quem será? O verdureiro. Cara de chim, galão de chim, atravessado nos ombros, de onde pendem, lindamente, duas sessões de urupemas. Não-sei-quantas bandejas de cores, formas e cheiros, muitos cheiros, diferentes.

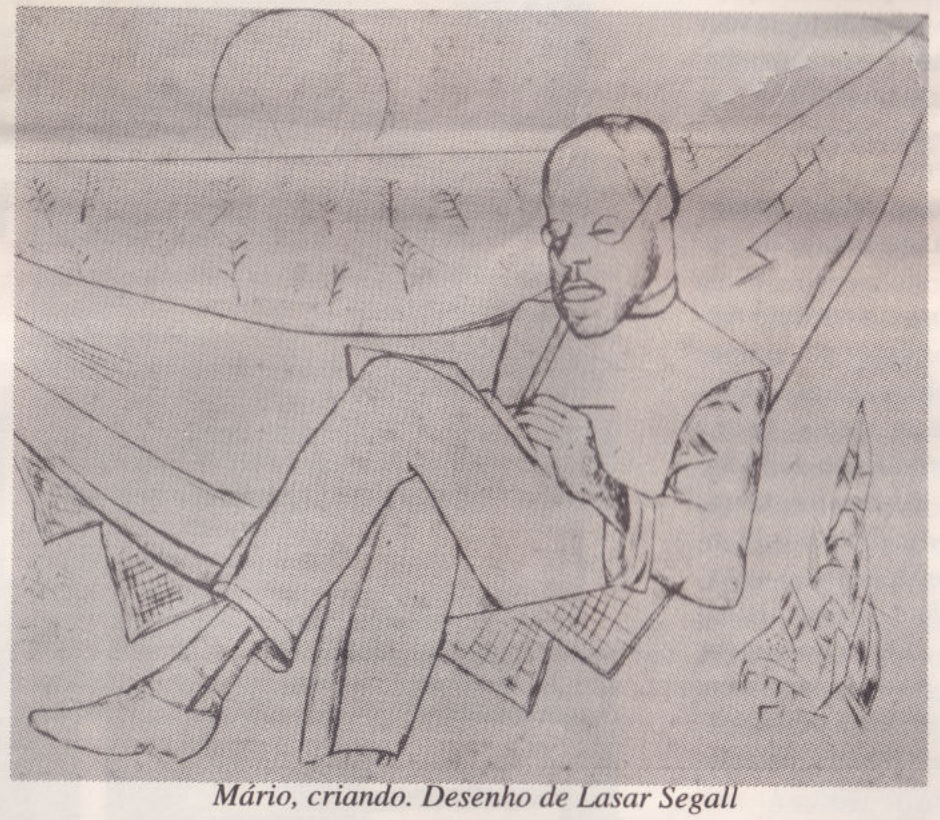
Espreguiçar-se completamente para sarapantar soninho renitente e, assim, poder destrinchar a algaravia que chega aos ouvidos, vinda de algum canto da casa, muito provavelmente da cozinha. Divertir-se com a informação prestada secamente por alguém a algum curioso:

- É dotô Mário, gente! Veio de São Paulo estudá o boi!

Repetir gostosa rotina: primeiro, o roupão cor de vinho sobre o pijama listrado. Depois, o desfile, quase marcial, levando tijelinha de alumínio, com pincel e creme mentolado, loção e o raspador de queixo. Escova de dentes e a pasta, vão, à moda lápis, enfiadas no bolso do coração.

Perguntar, mesmo sabendo que a resposta, muito entretida, já lê um livro qualquer, ou "A República", na sala de visitas, por onde anda Cascudinho, se já se levantou. Assear-se, sentindo na pele a gostosa dormência provocada pela água de Natal, que dizem ser puríssima. Raspar a larga queixada, rindo da própria feiúra.

Na mesa, larga, guarnecida por uma toalha de labirinto alvíssima, admirar a mais bela natureza morta jamais vista: além do café e do leite, frutos da estação, cuscus e tapioca no leite de coco, queijo de manteiga do sertão, coalhada e bolo de macacheira, made in Cotinha (1) que lhe é apresentado maliciosamente quase todas as manhãs, pelo Príncipe.



Mário, criando. Desenho de Lasar Segall

Coronel Cascudo já saiu para a loja. (2) E, olhando o exemplar do jornal oficial dobrado ao lado de Cascudinho, admirar-se só de pensar na grandeza daquele homem, criando um jornal "A Imprensa" que circulou até o ano passado, só para que o filho, quase imberbe, tivesse onde publicar os seus artigos, sem incomodar os amigos do jornal governista. (3)

Durante o desjejum, quase sempre a curiosidade muda de lado. É Cascudinho, agora, com o seu impecável terno branco, a cabeleira arrogante repartida ao meio, querendo saber tudo sobre os mexericos do paulicéia. A começar por Lobato.

E ter de falar sobre esse grosseirão, que tanto dissabor causara à doce Anita... (4) Seja feita a vontade de Cascudo.

Sobre Ronald (5) também quer saber - e eu conto. E mais: sobre o velho João Ribeiro, e até me obriga a repetir surradas anedotas sobre o bodum de Capistrano... (6)

Alguém canta, ao longe (meu Deus!, como se canta em Natal...) uma canção tristíssima, que esqueceram de incluir na serenata de ontem:

"Abre a janela, já não brilha a lua,
- Quererás que adormeça neste frio?"

Logo fica esclarecido que se trata de um famanado soneto de Ivo Filho (camarada de Jorge, na juventude) que fora musicado por Olímpio Batista Filho.

A manhã cristalina invade os sentidos e, mesmo com o excesso de luminosidade, importante é manter os olhos abertos. Olhos e ouvidos. Bem abertos. Não permita Deus que eu morra - vambora, Cascudinho? - sem curtir todas estas sensações, sem anotar o que de mais importante encontrar - e tudo é quase mais importante. Há que começar cedo.

- Bora?

Trecho de cantiga do Berico

- Quer repetir, faz favor?
- Tibes!

Feliz como está, Mário, ainda assim, lamenta que o amigo não vibre com igual intensidade. Não cuide, ele próprio, de salvar este tesouro que se move, como a enchente de um rio, pelas ruas da cidadezinha. Se isso vier a acontecer um dia, Cascudinho será, com certeza, um dos maiorais do Brasil. Mas, agora, perder tempo metendo-se a descobrir facetas da história... Francamente! Estudar o

Conde D'Eu? Ora, tenha paciência! Não se deve negar a importância dos feitos, e até dos defeitos dos nossos maiores. Mas, o que tortura é saber que, se Cascudo não se voltar para a arte e a cultura do povo, se não registrar todo esse incrível manancial, tudo desaparecerá, com a chegada inexorável do progresso. Talento não lhe falta. Quem leu o seu **Joio** e mesmo as **Histórias que o Tempo Leva** sabe que é assim. Mais do que isso: quem, com menos de vinte e três anos de idade é capaz de levantar criticamente o elenco de escritores de província que está em **Alma Patrícia**, só pode ser um extraordinário pesquisador. Se aquilato corretamente a importância de descobrir para o Brasil um poeta como Jorge Fernandes, então, estou certo de que este homem, irremediavelmente natalense, tem uma das inteligências mais privilegiadas entre os novos intelectuais do país. Sem contar que sabe escrever como poucos...(7)

Mário reflete e, agora, um pouco que se arrepende de pensar essas coisas.

- Não tenho o direito, que diabo! Esta minha mania incontrolável de ser professor as vinte e quatro horas do dia, ainda me complica a vida...

*

Diante da chacra o carro está num pé e noutro para sair. E sai. Destino dos viajantes, menos Cascudinho, que não pode ir junto: o Engenho Bom Jardim, do pai de Antonio Bento. (8)

Com que então - admira-se - vou conhecer um engenho tipicamente nordestino, com todo o jeitão colonial? Como será o seu universo humano? Quais os processos de fabricação? Haverá cantigas de trabalho? O predomínio racial será, ainda, negro? Como se divertem? Irei ver um zambê? Esse Chico Antonio, coquista que Bento jura ser especial, cantará gostoso como o simples José, que ouvi cantar com tanto prazer em Natal?

Antes de chegar ao engenho, passa-se em Papari.

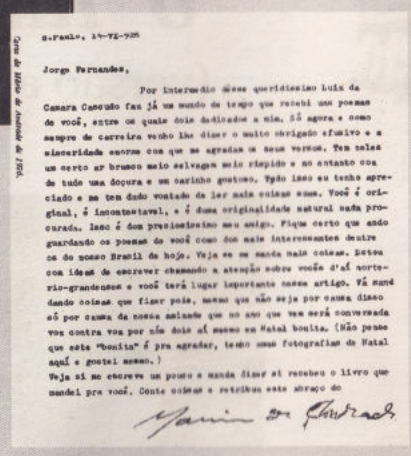
Aqui, já sube, nasceu Nísia Floresta, a Brasileira Augusta. Mesma linhagem de Tarsila, talvez que a mesma carnadura bonita. Exuberância e inteligência, não duvido: as mesmas. Do contrário, como justificar que tenha se tornado pariceira de tanta gente importante nas Europas? (9)

Bom Jardim vem na direção do auto e Mário pensa, não sabe bem a que pretexto, na próxima temporada lírica do Municipal. (10)

*

Apeamo-nos.

Com a minha inevitável curiosidade, ponho tento em tudo: a higiene dos aposentos na casa-sede, o bom gosto na sobriedade dos móveis, o piano, que não parece nem um pouco deslocado nesses cafundós. Os familiares de Bento são reservados, porém extremamente fidalgos. Informam-me a respeito do que quero saber. A produção do engenho, que me levam a conhecer, explicando-me tudo, tin-tin por tin-tin. Dão-me a provar uma aguardente que guardam, dita de cabeça, muito famanada por aqui e que é, segundo me asseguram, resultado da primeiríssima moagem. Bebo e fico tonto, tão grande é o prazer. Chego a estralar a língua. Quero beber! Cantar asneiras, como na "Bacanal" de Manu. (11)



O poeta Jorge Fernandes à epoca da visita de Mário. (Ao lado, carta que lhe remeteu o poeta paulista)

Cigarra*, a revista de assuntos mundanos que circulava no período em que Mário visitou o Rio Grande do Norte. Na capa, uma ilustração do excelente Erasmo Xavier.*

O legendário Chico Antônio, tendo ao lado o crítico Antônio Bento. (Foto do Arquivo de Mário IEB/USP)

O tempo, aqui nos pagos do Bento é proustiano. De modo que não estou muito seguro se aconteceu há pouco, faz tempo, ou se foi no dia seguinte que travei contato com Chico Antônio. Sei que o retenho, cinematografado na mente e no coração. Vejo-o, escuto-o e sinto sua presença forte, mas não posso tocá-lo. É tudo memória, já. Lamento, ainda agora, a bestidade paulista que impediu que eu, terminado o "Boi Tungão", que ele cantou lindamente, tivesse lhe dado um acocho bem demorado e fundido nossa comoção num abraço bem nacioná...chegue pra cá, caboco; vem, me'rmão!, vamos deixar pulsar juntos esses corações brasis... Porque não posso esconder que estou me sentindo vítima de um sortilégio. Nenhum raciocínio, por cartesiano que seja, conseguiria explicar. Gosto dele muitão e isto haverei de dizer nos meus escritos futuros.

Como canta bonito este jogral nordestino, Deus meu!

Parece infundir, em tudo, um milagroso animismo, com a sua rude coreografia! Agora mesmo vibra a mesa, o consolo parece saltar, ri-se o velho relógio de parede, a casa-grande, as terras do pai do Bento, a própria natureza, enfim, parece divertir-se com a arte mágica desse menino grande, que enfileira pariceiros e os desafia arrogante, derrotando-os um a um, enquanto acelera o coração da assistência na pancada do ganzá... Vou estar com ele outras vezes. E transcreverei, o quanto puder, a estupenda melopéia que produz. E vou chorar, sem que ele perceba, quando tiver de deixá-lo. Em minha memória ressoará, para sempre, aliás, aquele pungente canto de despedida, quando, pedindo para que eu não o esquecesse nunca, me fez prometer que, um dia, voltando, haveria de procurá-lo: "Adeus sala/Adeus cadera/Adeus piano de tocá/ Adeus tinta de iscrevê/Adeus papé de assentá". (12)

Deus te salve, Francisco! Nunca lhe falte o alimento da inspiração, meu bom *poverello* do Bom Jardim e de todas as fuzarcas do Nordeste!

continua

Autos populares que encantaram o "turista"

(versão atualizada)

Boi Calemba (Dança dos Galantes)

Congos de Saiote

Fandango

Nau Catarineta (Alegoria do Fandango)

Fotos de Ubaldo Bezerra. (FJA) Reproduzidas de **Danças Folclóricas do Rio Grande do Norte**, de Deífilo Gurgel (Natal - Ed. Universitária 1981)

Notas

1) Figura familiar na Vila Cascudo. Mário refere-se a ela em sua correspondência com o intelectual potiguar. (V. **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**, cit., p. 90)

2) A loja do coronel Cascudo denominava-se, curiosamente, O Profeta. Movimentava um rol de produtos, digno de um moderno supermercado. Anunciante regular de "A República" nesse período, é possível constatar aí essa enorme variedade, a que não faltam as mercadorias importadas.

3) "A Imprensa" circulou, como já foi dito, de 14 a 27. No ano em que encerra suas atividades, sai das oficinas o **Livro de Poemas**, de Jorge Fernandes, edição de 300 exemplares, papel custeado pelo autor, conforme Cascudo.

4) Evidente alusão à publicação da crítica "Paranóia ou Mistificação?"com que Lobato buscou demolir a exposição individual de Anita Malfatti, em 1917.

5) Ronald Carvalho, poeta, participante da Semana de Arte Moderna.

6) Capistrano de Abreu, historiador cearense, autor de **Capítulos de História Colonial**.

7) O sentido desta reflexão, que sem dúvida teve importância na vida do maior intelectual do Estado, é mais claro na correspondência de Mário. (Cf., especialmente, a carta de 9 de junho de 1937, no livro organizado por Veríssimo de Melo, cit., que, em nota, chama a atenção do leitor para a gravidade da mesma).

8) O engenho Bom Jardim localizava-se no município de Goianinha.

9) Nísia, como se sabe, manteve contatos na Europa com personalidades como Lamartine, Manzoni e Augusto Comte, de quem se dizia discípula.

10) Teatro Municipal de S. Paulo, templo da arte erudita que, em 22, se transformou em local de realização da Semana de Arte Moderna.

11) Poema de Manuel Bandeira. Segue-se à epígrafe do livro **Carnaval**, de 19.

12) Canto com que Chico Antonio se dirigiu a Mário em sua despedida. (Cf. **O Turista Aprendiz**, p. 279)

Tarcísio Gurgel é escritor e professor de literatura da UFRN

Quatro poemas de Elisandra

I
Como o voar lânguido de uma ave
meus sentidos percorrem
pequenos labirintos
em tuas pálpebras sonolentas

II
Moro numa província ao ocidente
do universo.
Aqui há regras, mas predomina
o caos.
Os cacos colados,
mas o caos.
Os ocidentais compram muito,
compram tudo que vêem,
compram caro,
compram cacos.
E nem sempre sabem
o que foi comprado,
se um objeto ou uma alma.
Eles também usam tudo.
Tudo Tudo Tudo!
O que foi comprado
e o que não foi.
E assim vivem?
Vivem acidentais!

III
Que pena!
Não falarmos do que sentimos
Quando sentimos
os mais belos e desesperados
impulsos da vida
diluírem-se como o açúcar
no escuro de uma pequena
xícara de café.
Exposta na mesa ilusória
do cotidiano.

IV
Ouvindo as mesmas
Pensando as mesmas
Criando as mesmas
Querendo as mesmas
As mesmas palavras

Elisandra Galvão é poeta, estudante do curso de Comunicação social da UFRN

"Os partos da fantasia" em Diógenes da Cunha Lima

Hildeberto Barbosa Filho

"O real perdeu de longe para a fantasia, diz o poeta norte-rio-grandense Diógenes da Cunha Lima, em Tempo persona, um dos poemas de Os pássaros da memória, coletânea publicada no Rio de Janeiro, pela Lidador, em 1994.

Anterior ao Livro das respostas (1996) e posterior a Lua quatro vezes sol (1968), Instrumento dúctil (1975), Corpo breve (1980), Natal, poemas e canções (1982) e Poemas versus prelúdios (1983), Os pássaros da memória particulariza, na poética deste potiguar, a figuração do tempo enquanto elemento motivador, perspectivado em suas nuances cronológicas, metafísicas, psicológicas, lúdicas, eróticas e emocionais. Tudo, na cristalização de uma linguagem onde a expressividade lírica alia o sentido plástico da imagem ao virtuosismo de uma dicção caracteristicamente contida, econômica e, não raro, musical.

Como se entrevê nos versos referidos, conta mesmo nesta lírica a fantasia criadora e toda a sua capacidade de tocar o real naquilo que ele contém de encantatório, de enigmático, enfim de disponibilidade poética, aberto ao gume da palavra ritmada e ao imaginário que sabe construir imagens das cenas mais banais, a exemplo do que podemos ver num texto como Tempo etilírico:

O bêbado sobre o monte
mijando estrelas
Na linha do horizonte

O sóbrio não vê talvez
No equilíbrio do ébrio
o brilho da lucidez

Em Os pássaros da memória, Diógenes da Cunha Lima percorre, assim, seus roteiros poéticos, tecendo o calendário dos meses, através de um jogo verbal em que a palavra, sempre ajustada no compasso do ritmo e explorada em suas camadas significativas, preserva no seu tempo o tempo inconfundível

da percepção poética.

Há, nestes poemas de Diógenes, algo do minimalismo oriental a exigir, do olhar sobre as coisas, qualquer sutileza, seja lúdica seja filosófica, seja circunstante seja essencial, que as torna incomuns, singulares, inusitadas...

Eis o que enuncia a voz poética em Tempo Eros:

A amante terna
Nua conduz a lua
Minguante entre as pernas.
Milagre sob o ventre
Onde o rubi do púbis
É o sol nascente.

Ao tempo do calendário, na sua cronologia sucessiva e linear, o poeta associa o tempo da alma, sem as suas prefixações quantitativas, precisamente para fazer falar outras inquietações, isto é, as inquietações específicas do labor estético, pois "Enquanto a tristeza lavra / Na vã colheita o poeta / recolhe o mel das palavras". Ou, para além do dado reflexivo da metalinguagem, vê-se a outro tempos jungido o tempo memorial, com toda a sua carga de afeto e magia:

O rio ágil vem
Molhar o silêncio
Da margem.
Festa de imagem marinha

Redes de peixes pescadores
Compõem a noite à noitinha

Não só há algo do minimalismo oriental nesta poética. Diríamos também que ela traz algo da poesia primitiva, sobretudo naquilo que ela possui de ritual (observe-se o primeiro poema em que mês a mês o tempo vem poeticamente recriado), de mágico, de simples, mesmo que a estas notações não fuja a surpreendente possibilidade dos "partos da fantasia", para remetermos a uma bela expressão de Graebner. Os pássaros da memória corporifica uma espécie de mapeamento dos matizes emocionais, peculiares a quem se dispõe a recortar a carne das coisas, atento, contudo, a sua dimensão lírica, o que decerto pode envolver até, como sugere Gilberto Mendonça Teles, em sugestivo prefácio de aproximações rosianas, a condição esotérica.

Preferimos não ir a tanto, aderindo, porém, a idéia de que há muito da visão, entre lúdica e mágica, do Guimarães Rosa de Tutaméia, no Diógenes da Cunha Lima que ora apreciamos. Outros nomes ainda nos vêm para realçar as aproximações poéticas. Talvez Manoel de Barros e algo do seu surrealismo impactante. Talvez o Mário Quintana, com seus insights lúdicos, com suas apreensões desconcertantes. Mas o certo é que Diógenes da Cunha Lima é ele mesmo. Expressão mínima para um conteúdo intenso. Economia em aridez. Lirismo sem hipertrofia. Lirismo fotográfico, mas também lirismo que pensa:

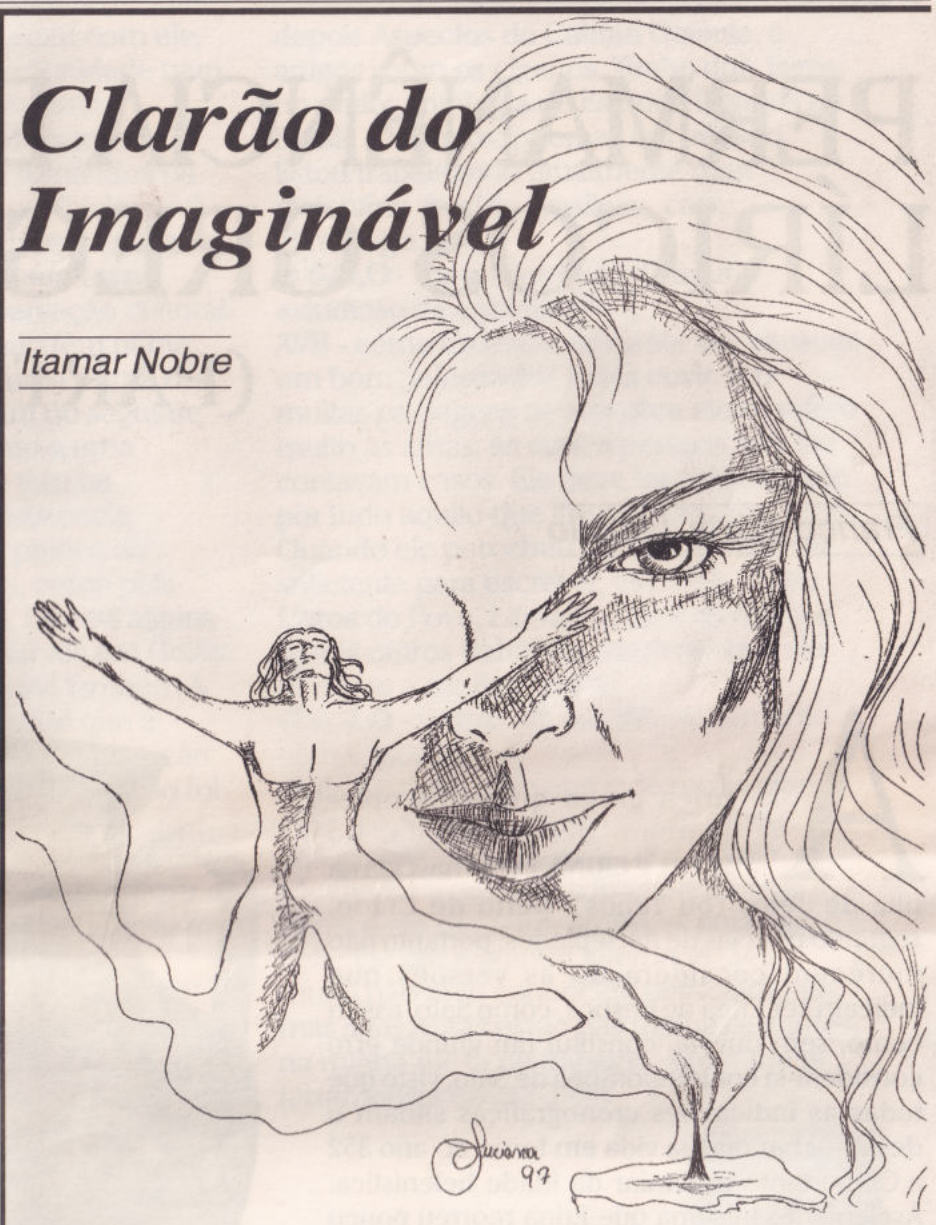
A vida não serve
Que a alma é longa
E o corpo breve

Com uma obra já consolidada, Diógenes da Cunha Lima responde, ao lado de nomes como Luís Carlos Guimarães, Nei Leandro de Castro, Jarbas Martins, Marize Castro, entre outros, pela mais efetiva poesia do Rio Grande do Norte na contemporaneidade.

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário paraibano.

Clarão do Imaginável

Itamar Nobre



Grito o encanto que flameja no meu consciente
Vertente luminosa e cálida de supremos anseios
Onde habitas como uma deusa de ternura envolvente

Lanço versos de clamor profano, de matiz suave
Que a briza carrega para depor no ventre dos teus seios
Onde eu desejo habitar como homem ou como ave

Ávido sonho, permita-me voar nem que seja adormecido
Perder-me nas mãos cariciosas dessa mulher alucinante
E atracar no meu coração de portal desconhecido

Cravar meu beijo no domo doce que protege o peito
Irrigar meu sangue com fartura no meu corpo latejante
E me apossar do seu destino qual duma rede onde me deito

Ilusão do meu delírio, porto da minha alma que navega
O olhar dessa mulher é o penetrante arpão da magia
Que entorpece a minha razão, me apazigua e me cega

A sua face é uma estrela existente no clarão do imaginável
Onde ecoa o grito do meu encanto que me orienta e guia
Para a profundeza de um devaneio leve e interminável

Itamar Nobre é poeta e estudante de comunicação da UFRN.

PERMANÊNCIA DOS LÍRICOS GREGOS

(PARTE III)

Franco Maria Jasiello

A lírica grega quase completamente desconhecida, no Brasil, é **ERINA**, poeta nascida na ilha de Telos (ou Tenos), perto de Cnido, segundo notícias de Asclepíades, portanto não merecem consideração as versões que indicam ser Erina de Lesbos, como Safo, assim como, sem dúvida, constitui um grande erro considerá-la contemporânea de Safo, visto que todas as indicações cronográficas situam o desabrochar de sua vida em torno do ano 352 a.C., portanto no limiar da idade helenística. Asclepíades informa que Erina morreu pouco depois dos dezenove anos de idade, após ter escrito *A Roca*, poemeto de trezentos hexâmetros, para lamentar a morte da amiga Baucis. Lendo o *Lamento a Baucis* compreende-se claramente porque os antigos sempre lembravam Erina ao lado de Safo.

Lamento a Baucis

Os brancos cavalos inquietos
levantavam-se retos sobre as patas
com grande estrépito; o som da cetra
ecoava sob o vasto pórtico da corte.
Baucis infeliz, eu gemendo choro à lembrança.
Essas coisas da adolescência têm ainda calor
em meu coração e as que não foram de alegria
são, agora, cinzas. As bonecas estão emborcadas
sobre leitos nupcinais; e pela manhã
a mãe não mais leva
o fio sobre a roca e os bolos salpicados de sal.
Quando criança te assustou a Mormó
que possui grandes orelhas e sobre quatro
pés vagueia dirigindo o olhar ao redor.
E quando, Baucis amada, subiste no leito do homem
sem memória daquilo que menina ainda
tinhas ouvido de tua mãe, Afrodites
não teve pena de teu esquecimento.
Por isso chorando-te agora não te abandono;
nem meus pés deixam a casa que me acolhe,
nem quero mais ver a doce luz do dia,
nem lamentar com os cabelos soltos; tenho pudor
da negra dor que me desfigura o rosto.

Sobre o sepulcro de Baucis em Telos

I - Voz da Urna

Sou da esposa Baucis. Tu
que te aproximas à pranteada coluna
diz isto ao invisível que está sob a terra:
"Hades, tu és invejoso". E àquele
que só admira a beleza do túmulo
que declara a triste sorte de Baucis,
dirás que com a chama das tochas
que saudavam a menina esposa,
acendeu, para ela, o fogueira o pai do amado.
Tu também, Himeneu, mudaste os cantos
e as danças da festa nupcial
na longa voz do lamento fúnebre!

II - Voz de Baucis

Colunas e sereias, fúnebre urna
que guardas para a eternidade minhas poucas cinzas
saudais os que se dirigem ao meu túmulo,
seja gente da ilha ou forasteira
Dezeis que só o sepulco possui-me como esposa:
que de meu pai recebi o nome de Baucis,
que minha terra é Telos;
e que a companheira Erina,
sobre a tumba, para mim escreveu estas palavras.

ANACREONTE nasceu em Teos, uma das doze cidades da confederação jônica da Ásia Menor, provavelmente em 572 a.C. É definitivamente um poeta erótico, porém não alcança a força de Safo ou de Alceu em sua poesia amarosa. Sua característica é uma extrema graça, uma dicção cheia de doçura sublinhada pelo dialeto jônico com influxos eólicos devidos à tradição literária.

A jovem de Lesbos

A bola vermelha
lança-me Eros dos cabelos dourados
e com uma jovem das coloridas sandálias
impele-me a jogar.
Mas ela, que é de Lesbos das belas casas,
despreza minha cabeça já branca,
e ávida suspira por outro.

Vento

Vibra a escura folhagem do louro e da verde
pálida oliveira.

Ares poupa os covardes

Aqui jaz Timócrito, valoroso na guerra:
Ares poupa os covardes, não os heróis.

ALCMEÃO foi colocado pelos gramáticos alexandrinos em primeiro lugar na categoria dos poetas mélicos, isto é, melodiosos e harmoniosos. Segundo algumas versões Alcmeão teria nascido em Esparta, filho de Téutaro ou Títaro ou, ainda, Damante. No entanto, muitos estudiosos modernos, em especial alguns alemães, consideram que o lugar de nascimento de Alcmeão tenha sido Sardes, na Lídia, devido às características de sua poesia que demonstra mais a sensualidade asiática que a severidade espartana. O período áureo da vida de Alcmeão, em relação a sua obra, corresponde ao da Quadragésima Segunda Olimpíada, isto é, entre 612 e 609 a. C.

Dormem os cimos das montanhas

Dormem os cimos das motanhas
e os valores ao redor,
os declives e as ravinas:
Dormem os répteis, quantos da espécie
a negra terra cria,
as feras das florestas, as várias formas de abelhas,
os monstros no escuro fundo do mar;
Dormem as gerações
dos pássaros das longas asas.

O canto das perdizes

Estes versos e sua cadência
encontrou Alcmeão imitando com palavras
aquilo que tinha entendido
do canto das perdizes.

O martim-pescador

Meninas da doce voz e do amável canto,
o corpo já não me agüenta. Ah se eu fosse o martim-pescador
que com as fêmeas passa sereno sobre a flor da onda,
ave de primavera, cor das conchas!

ESTESÍCORO é o primeiro poeta da Magna Grécia. Filho de Euclides, um dos fundadores de Imera, na Sicília, lá passou a maior parte de sua longa vida, de 640 a 555 a.C., aproximadamente. Foi, em certo sentido, o Homero da poesia lírica.

A mim não traz descanso

É raro que a Musa
somente alegre, porém é evocadora
de toda coisa destruída:
a mim não traz descanso a doce
pluríssoma flauta sonante
quando começa suavíssimos cantos.

ÍBICO nasceu em Reggio di Calábria, na segunda metade do século VI a.C., filho de Fítio que parece ter sido um dos legisladores da cidade. A poesia de Íbico é de duas espécies: a lírica de conteúdo heróico, segundo o modelo de Estesícoro, e a lírica amarosa. Sua linguagem é rica e variada, adequada ao ritmo do metro datílico.

Como o vento do norte rubro de coriscos

Na primavera, quando
a água dos rios deriva nos canais
e ao longo do horto sagrado das virgens
às macieiras cidônias abre a flor
e outra flor assalta a ramagem da videira
na sombra das folhas;
Eros em mim
que nenhuma idade aquieta,
como o vento do norte rubro de coriscos,
rápido anda: assim, turvo,
sem piedade, queimado de loucura,
guarda tenaz na mente
todos os desejos que eu tinha quando jovem

Céu estrelado

Queimam atravessando a noite, longamente
as estrelas brilhantíssimas.

SIMÔNIDES DE CAOS forma, junto com Píndaro e Baquílides, a tríade dos maiores poetas corais da antiga Grécia. Nasceu em Iúlis, na ilha de Ceos, provavelmente em 556 a.C. Não tinha convicções religiosas e seu pensamento demonstra mais interesse pela fineza, pela acuidade das idéias que por sua obscura profundidade, sendo completamente livre de influências místicas de qualquer espécie. Segue aqui, traduzido, o fragmento do hino que Simônides escreveu para os mortos das Termópilas e que chegou até nossos dias.

Para os mortos das Termópilas

Daqueles que caíram nas Termópilas
é famosa a sorte, belo é o destino
e o túmulo um altar. Para eles memória,
não lamentos; e o elogio o pesar.

MIMNERMO DE COLOFÃO é um dos principais representantes da poesia jônica. Na antigüidade disputou-se muito sobre ter sido Mimnermo, Arquíloco ou Calino o primeiro a introduzir na literatura o gênero elegíaco e, até nossos dias, a questão permanece em aberto, visto que não há uma exata cronologia nem notícias quanto ao relacionamento desses poetas líricos. Mimnervo viveu na segunda metade do século VII a.C. A lírica aqui traduzida provém de um livro que, segundo os alexandrinos, foi o mais importante de Mimnervo, intitulado *Nanno*, do nome de uma flautista amada pelo poeta e à qual o livro foi dedicado.

As dulcíssimas ofertas

Que vida, qual doçura sem Afrodites dourada?
Melhor morrer quando não mais terei os caros
amores secretos e o leito e as dulcíssimas ofertas
que da juventude são as efêmeras flores
para os homens e as mulheres.
Quando chega a dolorosa velhice
que faz o homem belo igual ao feio,
sempre o consomem, na mente, maus pensamentos;
mais não se alegra nem olhando a luz do sol;
mas é odioso para os jovens e desprezado pelas mulheres:
tão grave Zeus quis a velhice.

ARQUÍLOCO, o príncipe dos poetas jâmbicos, pode ser considerado, sem exagero, o fundador da lírica grega. Nasceu na ilha de Paros, que é das maiores entre as Cíclades, provavelmente em redor de 700 a.C., e viveu pelos menos até a primavera de 648 a.C., porque, em um dos fragmentos de uma sua lírica, através da narrativa de um pai assustado, é relatado um eclipse total de sol que a moderna astronomia determina ter acontecido, sem dúvica e com exatidão, na manhã do dia 6 de abril de 648 a. C. Considera-se Arquíloco, com toda probabilidade, o mais antigo dos líricos e seu apogeu deve ser colocado na primeira metade do século VII a.C. A fama de Arquíloco deve-se principalmente à invectiva. Os gregos não usavam a expressão "pisar numa víbora". Diziam: "Pisar em Arquíloco", com uma clara e evidente referência à língua viperina do poeta. De Arquíloco temos poucos fragmentos, como sempre, recolhidos por Bergk em *Poetae lyrici Graeci*, de 1882, e desses, aqui, vai traduzido aquele dedicado a invectivar um amigo desleal.

Ao amigo de um tempo

Longamente arrastado pelos vagalhões
sê jogado contra Salmidexus,
nu, de noite, enquanto entre nós há sossego.
E prostrado, ansioso da praia
fiques na crista das vagas,
no frio, rangendo os dentes,
como um cão, emborcado, a boca para baixo;
e o fluxo constante das águas
te recubra espessamente de algas.
Assim te capturem os trácios, que usam
altos os cabelos amarrados
e com eles passes toda desventura
comendo o pão do escravo.
Isto eu queria ver-te sofrer,
tu que um tempo me foste amigo
e depois caminhaste sobre o meu coração.

TEÓGNIS é o poeta da elegia. Nascido em Mégara, da Grécia, é lembrado, também, como Teógnis de Mégara. Sabe-se que escrevia suas líricas nos últimos dez anos do século VI a.C., e nos primeiros dez anos do século V a. C. Ainda vivia na proximidade da invasão persa que se deu em 480 a.C. A poesia de Teógnis reflete sua luta pela revalidação de um passado que a marcha inexorável da História arrasta irremediavelmente.

A grou

Polipaos, ouvi ressoar agudamente
o grito da ave que anuncia a estação
propícia à aradura; e percutiu-me fundo o coração:
agora meus campos férteis a outros pertencem,
para mim não mais as mulas arrastam o dente do arado
desde o tempo da minha funesta viagem
sobre o mar.

PRAXILA faz parte da coroa das mais ilustres poetisas, segundo Antípatro de Tessalônica, na *Antologia Palatina.* Sua obra floresceu na 82ª Olimpíada, entre 453 e 449 a. C., em Sicião. Tornou-se famosa em sua pátria a ponto de merecer que Lisipo esculpisse sua estátua em bronze.

Deixo a luz belíssima do sol

Deixo a luz belíssima do sol
e as estrelas brilhantes e o semblante da lua
e as melancias maduras e as maçãs
e as peras.

Pareces uma virgem pelo rosto

Tu olhas pela janela um belo jovem
pareces uma virgem pelo rosto
mas és mulher no regaço.

JONE DE CÉOS foi, além de poeta, historiador e filósofo. De sua vida, sabe-se que era filho de Ortómenes, que de Céos foi para Atenas em 476 a. C., que se apresentou em um concurso dramático entre 452 e 449 a.C., que voltou para Céos entre 441 e 440 a.C., que, novamente, se apresentou em um concurso em 428 a. C., junto com Eurípedes e Hiofontes e que, em 421 a.C., já tinha morrido.

A estrela da manhã

Esperamos a estrela da manhã
da branca asa que viaja nas trevas.
Primeiro aviso do sol.

De **LICOFRÔNIDES, LICÍMNIO, MELANÍPEDES** e **ÍBRIA,** não temos notícias biográficas suficientes e muito menos bibliográficas. Em compensação, assim como de **Anônimos,** temos algumas líricas.

LICOFRÔNIDES:

Nem das jovens ornadas de ouro

Nem da adolescente
nem das jovens ornadas de ouro,
nem das mulheres dos plenos seios
belo é o rosto se não se mostrar casto:
o pudor cria a flor da beleza.

Para Artêmis

Esta rosa dedico-te; amável oferta;
também as sandálias e o elmo e a lança
que abate as feras: agora meu pensamente
dirige-se a uma jovem
amada pelas Cárites e bela.

LICÍMNIO:

Aqueronte

Aqueronte
que tormentos traz aos homens,
ferve por infinitas fontes de lágrimas e dores.

E o sono que se deleitava

E o sono que se deleitava
com aquele olhar luminoso,
com os olhos abertos adormeceu o menino.

MELANÍPEDOS:

As Danaides

Não tinham olhar nem forma de homens,
nem corpo como o das mulheres:
nos carros de corrida nuas adestravam-se
ao longo das selvas; e muitas vezes nas caçadas
alegravam a mente
ou buscando a resina das árvores e o incenso
e as perfurmadas tâmaras ou a cássia,
as tenras sementes da Síria.

ÍBRIA:

Para mim é grande riqueza a lança

Para mim é grande riqueza a lança, a espada
e o escudo a defender o corpo.
Assim posso arar, ceifar,
espremer o doce vinho da videira;
assim, patrão, comando meus serviços.
Os que não se atravem a usar a lança e a espada
e um escudo para defesa do corpo,
abraçam meus joelhos,
saúdam-me como senhor
e me chamam de grande rei.

Hino a Posídon
(O mito de Aríon de Metimna)

Altíssimo louvo-te entre os deuses
Posídon marinho do tridente de ouro
que sacodes a terra, cheio de águas vivas:
ao teu redor agitando as barbatanas
dançam em círculo os cetáceos:
achatados, a nuca hirta de cerdas,
ágeis como se tivessem pés ligeiros
velozes saltam parecendo cães novos
na corrida, amantes das Musas.
E louvo-vos golfinhos, discípulos das virgens Nereides nascidas de Anfitrite.
que me salvaste náufrago no mar aberto da Sicília
levando-me sobre os curvos dorsos
da terra lídia à beira do Ténaro,
cortando o sulco das correntes adversas
pelo difícil estreito,
quando homens astutos, da côncava nau
viajando pelas sonoras ondas,
jogaram-me no purpúreo mar.

Canto da manhã

Douradas aves de aguda voz, livres
pelo bosque solitário nos ramos de pinheiro
confusamente se lamentam; e quem começa,
quem demora, quem lança seu grito para as montanhas:
e o eco não cala, amigo dos desertos,
o repete do fundo dos vales.

(Poemas traduzidos diretamente do grego por Franco Maria Jasiello)

Franco Maria Jasiello é poeta, professor da UFRN e tradutor.

CORREIO DO GALO

J. AUGUSTO DELGADO

Caríssimo amigo
Woden Madruga

Recebi "O Galo", edição nº 4.

Agradeço a atenção.

Louvo o seu esforço no sentido de aperfeiçoar a cultura literária de nossa terra potiguar.

Destaco, na referida edição, o artigo de José Melquíades - Astrologia Jurídica. Além de interessante, revela pesquisa aprofundada sobre o tema e aguda inteligência, já conhecida, do autor.

Com os meus aplausos pela sua gestão na Presidência da Fundação José Augusto, receba o meu abraço de amizade.

Cordialmente,

José Augusto Delgado
Brasília, 16 de junho de 1997

MAJELA COLARES

O GALO confirma recebimento do livro *O Soldador de Palavras*, do poeta Majela Colares, que tem Apreciação Crítica de César Leal e ilustrações de Maria Carmen. Majela é cearense de Limoeiro do Norte, nascido em 1964, e radicado no Recife desde 1992, onde bacharelou-se em Direito. Já publicou *Confissão de Dívida*, , (poesia) 1993; *Outono de Pedra*, (poesia) 1994; participou em 1996 da antologia *O Talento Cearense em Poesia*. É membro Desaconselhador de *O Pão*, jornal literário editado em Fortaleza-CE.

POESIA VIVA

O livreiro e antologista pernambucano Jaureiz Correya lançou no dia 19 passado, na Capitania das Artes, em Natal, o livro *Poesia Viva do Recife*, obra que inaugura a coleção *Poesia Viva da Cidade*, projeto da Nordestal Editora que visa a documentar a poesia contemporânea produzida sobre as principais cidades brasileiras. A segunda antologia da coleção - *Poesia Viva de Natal* - organizada pelo escritor Manoel Onofre Jr. com a participação de 25 poetas potiguares, será lançada no segundo semestre deste ano. Já estão sendo organizadas também as antologias de Fortaleza, pelos poetas Luciano e Virgílio Maia, e de São Paulo, pelo poeta Alberto Beuttenmuller.

TAMBOR DE TEATRO

A Cia Tambor de Teatro encena nos dias 16 e 17 de julho, às 21 horas, no Teatro Alberto Maranhão, a peça "O Príncipe do Barro Branco", com direção de João Marcelino. O drama é inspirado em histórias populares recolhidas por Câmara Cascudo no livro *Contos Tradicionais do Brasil*. No elenco, Chico Villa, Pedro Queiroga, Nara Kelly, Eri Araújo, Múcia Teixeira, Isabel Cristina, Isaque Galvão e Tony Silva. O espetáculo conta com o patrocínio do Profinc - Programa Municipal de Incentivo à Cultura.

CULTURA POPULAR

Vai acontecer entre os dias 19 e 23 de agosto, no auditório da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte-ETFRN, o II Encontro de Cultura Popular, promovido pela Fundação José Augusto. O evento terá aula-espetáculo do armorialista Ariano Suassuna, mesa-redonda sobre o tema "Cascudo e o Folclore", apresentações de pastoril, maneiro-pau, cangaceiros, marujada, congos de Calçolas, lançamento de cordéis do Projeto Chico Traíra, gastronomia regional, oficinas culinárias, artesanato potiguar e a exposição "Vertentes criativas da gravura e do cordel", de Dorian Gray Caldas. O evento será aberto oficialmente pelo presidente da FJA, jornalista Woden Madruga, às 19h30 do dia 19, expondo em linhas gerais as metas do II Encontro de Cultura popular e, na seqüência, terá a palavra o secretário de Cultura de Pernambuco, Ariano Suassuna.

ERA UMA VEZ

O projeto "Era uma vez", desenvolvido pelo Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, em parceria com o Crutac, se lança em direção ao interior, a partir do dia 05 de julho, quando contadores de estórias movimentarão as praças públicas de Macau, encantando contos. As próximas cidades a serem visitadas pelo projeto são: Nova Cruz (12/07); Santo Antônio (19/07) e Santa Cruz (26/07).

FRANCISCO SOBREIRA

O escritor Francisco Sobreira acaba de concluir a redação do livro *Crônica do Amor e do Ódio*, conjunto de oito contos ambientados, alguns, em Natal, outros na imaginária São Januário. A presença americana em Natal durante a 2ª Guerra Mundial e a ditadura militar de 64 servem de fundo para alguns dos contos de Sobreira, autor dos mais profícuos em atividade no Estado.

HISTORIA DA ARTE

Começa dia 24 de julho o curso de extensão universitária Linguagem da História da Arte, que será ministrado pelo professor Franco Jasiello, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN, no horário das 21:30 às 21:30 horas, nas terças e quintas-feiras. O curso tem 78 horas de duração e as inscrições poderão ser feitas no Istudio Isadora Duncan, na Avenida Afonso Pena, 524, mesmo local onde será ministrado o curso.
Maiores informações pelo fone (084) 221-1048.

MEGALANÇAMENTO

Um total de 50 títulos na área da educação, editados por sete universidades federais nordestinas, foram lançados no dia 18, no lobby da piscina do hotel Vila do Mar, na Via Costeira. O evento fez parte do XIII EPEN - Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste, cujo objetivo principal é promover um maior intercâmbio entre os programas de pós-graduação e pesquisa e os grupos pesquisadores em educação da região nordeste. As publicações foram de autores das universidades do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Maranhão e Bahia. Durante o evento, apresentou-se o Madrigal da UFRN.

GERAÇÃO ALTERNATIVA

O escritor e artista multimídia J. Medeiros lança em breve o livro *Geração Alternativa - Antilogia Poética Potiguar - anos 70/80*. O trabalho começa com o poeta Jaumir Andrade e chega até os nomes mais representativos da poesia potiguar surgidos na década passada.

AILTON FERREIRA

Caro Nelson Patriota

Durante a I Feira Internacional do Livro (INTERLIVROS) ocorrida em Recife/Olinda, tomei conhecimento do jornal O GALO, informativo da maior importância na divulgação cultural. Em virtude disso, desejo recebê-lo regularmente. Como proceder? Meu endereço (contatos): Cx. Postal 1335 - Porto Velho, Rondônia CEP 78900-970. Ficarei grato se for atendido, um abraço,

José Ailton Ferreira ("Bahia")
Porto Velho, RO

Caro Ailton, A partir de agora, você está arrolado no endereçário do GALO, o que lhe garantirá o recebimento regular do nosso informativo cultural. Outrossim, confirmo o recebimento do seu Versômetro, esse seu belo "instrumento" de versos livres/alados, que você gentilmente nos remeteu. Abraços, Nelson Patriota.

ERORCI SANTANA

Prezado Nelson Patriota:

Já era tempo de vibrar de novo as cordas vocais desse "Galo" nordestinado, agreste, doce, que tão bem cuidava dos lances culturais desse Brasil aí de cima, com alguma canja para o Brasil aqui de baixo, geografia de pródigos jograis, menestréis, senhores da fala, homens e mulheres de expressão maior, construindo a ponte necessária entre o sempiterno círio da tradição e os fulgores da modernidade.

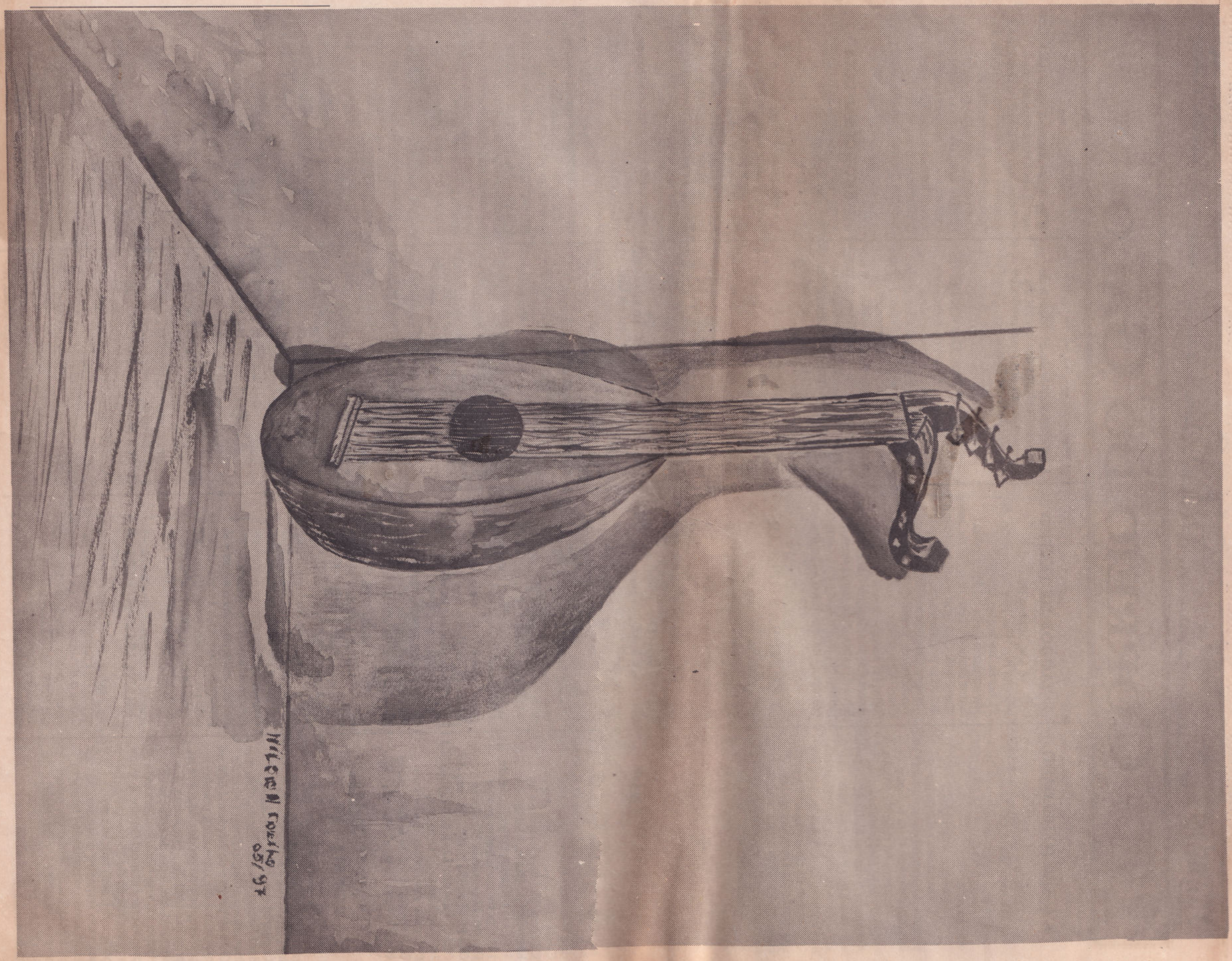
Esse poeta-crítico, Hildeberto Barbosa Filho, que sempre admirei à distância, eu o supunha mais vetusto de idade, talvez pela seriedade e competência no trato dos temas e da criação literária. Constato-o, porém, ainda jovem, agradável surpresa, claro sinal do tanto de lenho que ainda vai queimar no fogo de Prometeu que ilumina a vereda humana.

Presente a poeta Marise Castro, formidável mulher e artista, que tanto fez pelo 'Galo', com a qual tive outrora algum comércio de idéias aí no jornal. Merecido. E a propósito, alegra-me que 'O Galo' não perdeu nadinha em qualidade, com a vantagem de apresentar-se aberto ao horizonte das inquietações de seu novo editor.

Enfim, gostei da fina estampa, do retrato 'blue' sobre o Rio. Impecável. Congratulações. Seja-me concedida a dádiva de recebê-lo.

Saudações aos poetas potiguares. Saudações ao seu povo, seu sol e suas águas. Longa vida ao "Galo".

Erorci Santana
Poeta, diretor da UBE/SP,
editor de "O Escritor".
São Paulo, 23 de Junho de 1997

CORRESPONDÊNCIA
RUA JUNDIAÍ, 641-TIROL
NATAL/RN
CEP 590202220 FAX(084)221-0342

Nilson Coelho é artista plástico e professor da Escola de Artes Newton Navarro da FJA.